



Condição imigrante: uma entrevista com Lubi Prates

Lubi Prates

São Paulo, São Paulo / Brasil

lubiprates@lubiprates.com

Fernanda Valim Côrtes Miguel

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Diamantina,
Minas Gerais / Brasil

fernanda.valim@ufvjm.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-8336-738X>

“tudo aqui é um exílio.”

Lubi Prates

Lubi Prates é uma jovem poeta e tradutora paulista que tem movimentado a cena da literatura contemporânea em festivais no Brasil e na América Latina, especialmente através de ações que dão visibilidade a mulheres negras, ao corpo político e a lutas antirracistas. De seus versos ecoam vozes de muitas gerações que se encontram nos gestos, nos territórios da memória, no espaço imaginário da palavra, em um corpo individual, coletivo e histórico. Suas publicações atravessam a experiência do *blog*, das plaquetes e de revistas literárias e somam participação em antologias nacionais e internacionais. Seu livro *um corpo negro* (2018) teve sua primeira edição esgotada em curtíssimo prazo e é reconhecido como um dos livros mais importantes da poesia brasileira atual. A obra foi finalista do 61º Prêmio Jabuti e do 4º Prêmio Rio de Literatura e está agora em processo de publicação em países como França, Argentina, Colômbia, Espanha e Estados Unidos. Lubi também é autora de *coração na boca* (2012) e *Tris* (2016) e fundadora da *nosotros, editorial*, que constrói projetos cuidadosos e criativos, na contramão da lógica da indústria massificada. Como tradutora, foi responsável pela edição brasileira da *Poesia completa de Maya Angelou*. Em 2019, a autora organizou a antologia *Nossos poemas conjuram e gritam*, que reuniu textos de escritoras contemporâneas, Conceição Evaristo, Jarid Arraes, Esmeralda Ribeiro, Livia Natália, Natasha Felix, Neide Almeida e Nina Rizzi.

Conheci Lubi Prates pessoalmente no 5º Festival de História - FHist, realizado em Diamantina, em Minas Gerais, no final de 2019, onde tive a oportunidade de mediar uma mesa sobre *Literatura e feminismo* e partilhar experiências marcantes na presença de escritoras brasileiras e convidadas. Foi naquele mesmo dia que pude ouvi-la declamar alguns de seus poemas pela primeira vez: gesto tímido, olhar calmo e observador, tempo intimista na maneira de enunciar. Nesta entrevista, concedida por ela ao grupo de Estudos em Literatura, Arte e Cultura (UFVJM/CNPq), a escritora fala sobre o momento presente da pandemia da Covid-19, sobre a questão do pertencimento e o processo de reconhecimento, na ideia de tornar-se negra em diáspora, uma desconhecida ou uma eterna imigrante, e, sobretudo, sobre como planeja a liberdade através da poesia.

Boa leitura!

Fernanda Valim: No exato momento desta entrevista, enfrentamos uma pandemia motivada pela disseminação do novo coronavírus em um país profundamente desigual, em que poder ficar em casa já é um grande privilégio. Como vem sendo sua experiência de distanciamento social durante esse período, o que mudou na sua rotina? A arte vem ajudando nesse enfrentamento? O que você tem lido, assistido e ouvido? Como você imagina que será o mundo pós-pandemia?

Lubi Pates: Desde que o distanciamento social começou, me senti bastante preocupada com o fato de considerarem essa possibilidade como um privilégio porque entendo como um “direito”. E, no Brasil, teoricamente, todos temos direito à vida. Teoricamente. A forma como o distanciamento social foi visto, me preocupou porque “privilégio” é algo que se relaciona a um poder atribuído a determinado grupo social do qual eu, sendo parte de uma minoria, como mulher negra, não participo. Mesmo tendo a possibilidade de ficar em casa. Além das minhas atividades literárias, eu sou psicóloga clínica e curso, atualmente, Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento Humano. Meu trabalho depende, essencialmente, da presença e da conexão que se cria entre mim e o/a paciente. Então, não poder estar fisicamente daqueles/as que eu atendo é uma perda imensa, para mim. Temos a possibilidade de atendimento virtual, e essa é uma maravilha do século 21, que eu entendo como uma remediação ao momento atual, pois nada substitui a necessidade da presença. Acho que essas são as duas alterações na

minha rotina que eu mais senti: a impossibilidade de ir ao consultório e o mergulho no mundo virtual a que somos obrigados/as, e ao qual, eu resisto. Quando eu não estou dedicada às minhas tarefas profissionais, como psicóloga ou poeta, editora e tradutora, ou às tarefas do meu doutorado, uso meu tempo para práticas espirituais, para ler e escutar música. Essas são três coisas que fortalecem a minha conexão interior e me auxiliam a passar por esse momento que tem sido difícil para todos/as. Eu sou apaixonada por Arte e, ainda, quero ter tempo de vida para experimentar cada uma delas. Tenho uma relação mais aproximada com a Literatura, Música e Artes Visuais, mas o Cinema, Teatro e Dança também me encantam como espectadora, porque abrem janelas, são destinos para os nossos olhos. Nesse tempo de distanciamento social, sigo entretida com o que me interessa: basicamente, produções artísticas de pessoas negras. Tenho me debruçado na poesia da Lucille Clifton e da Maya Angelou e na prosa da Igiaba Scego. Sou apaixonada por rap e é esse ritmo, basicamente, que toca no meu fone de ouvido. Quando não, Tiganá Santana e Mateus Aleluia. O mundo pós-pandemia, pra mim, segue sendo um mistério. Se eu abri a janela, através da Arte, posso dizer que a paisagem ainda é distante.

FV: Você está escrevendo algum livro no momento ou envolvida em alguma criação artística?

LP: No momento em que respondo essa entrevista, já ultrapassei o terceiro mês de distanciamento social. Nesse período, acredito que tenha escrito três ou quatro poemas. É uma quantidade pequena, talvez porque eu esteja sendo muito demandada por outras atividades além da escrita, mas também porque esse momento, de muitas maneiras, me espanta. E eu demoro na observação dos dias, de como o passar desse tempo me afeta. Não me obrigo a escrever, permito que aconteça quando tem que acontecer. Então, não tenho sequer previsão de quando terei um próximo livro finalizado. Por outro lado, estou muito envolvida com a publicação do *um corpo negro* em outros países, nas versões ao inglês, espanhol e francês. Esses lançamentos aconteceriam durante 2020, mas como o mundo inteiro foi atingido pelo coronavírus, adiamos as datas para o próximo ano. Entendo esses lançamentos como conclusões fundamentais para que eu tenha espaço mental e temporal para me dedicar a outros planos.

FV: No prefácio de *Golpe: uma antologia manifesto*, Márcia Tiburi escreve o seguinte: “Não existe poesia depois do golpe (...) a poesia é

contra o golpe. A poesia contra o golpe é o cuspe, a pedrada, o soco, o pontapé, o pneu em chamas, as vias impedidas, a greve geral. A poesia é o fora do texto para onde o texto olha a abrir com as armas perigosas da palavra a passagem para a vida revolucionária”. O que é a poesia? A palavra muda o mundo?

LP: A poesia, pra mim, é uma forma de experimentar o mundo: com os olhos, com os ouvidos, com o nariz, com a língua, com a pele. Algo que atravessa o corpo inteiro. Não tem relação com algo que se produz. O produto de uma experiência poética nem sempre vai ser um poema – sobre a matéria e a qualidade. É tarefa da palavra, portanto, organizar a experiência e isso tanto no sentido individual quanto coletivo. No sentido individual, nos tornamos sujeito/a quando nomeamos quem somos, como somos, o que sentimos e fazemos – e isso é de uma importância extrema, pois quando não nomeamos, somos nomeados/as pelos/as outros/as. Acho que todo mundo já teve a oportunidade de observar uma criança, na primeira infância, e perceber que, primeiro ela é seu nome e, só depois ela é “eu”. Essa mudança de posicionamento é estruturante na construção de sujeito/a, mesmo sendo tão simples. É se conhecer e se reconhecer, porque a medida que eu sou “eu”, eu não sou o outro. No sentido coletivo, também nos organizamos através da fala – cada grupo tem seu próprio idioma e seu próprio sotaque. E pela linguagem empregada também operamos exclusões, pois não reconhecemos o outro através da fala. Então, sim, a palavra muda o mundo. Não há nenhuma mudança, interna ou externa, que não se organize, também, pela palavra.

FV: Como o racismo marca a sua história de vida e como você vem pensando e produzindo leituras, oralidades e escritas antirracistas?

LP: Eu sou uma mulher negra vivendo num país estruturalmente racista. Embora esses dois aspectos sejam básicos para se pensar a construção da minha existência, porque falam sobre pertencimento, considero aprisionante a ideia de que o racismo marcou, marca e irá marcar a minha vida – é algo para além de mim. O racismo é um cão raivoso que está sempre à espreita, do lado de fora da minha porta. Mas eu não vou deixar de sair porque ele está lá. Há algum tempo, como resultado dos meus processos acadêmicos, espirituais e psicoterapêuticos, eu decidi que minha vida não seria pautada por uma ameaça. Esses três eixos de desenvolvimento pessoal foram fundamentais para essa decisão de como me colocar no mundo, mas essa forma de enfrentamento só foi possível

de ser elaborada porque eu fui educada por uma mãe que, diante de qualquer desejo meu, me ensinou que havia a possibilidade de “sim”. Eu fui educada para acreditar em mim e no meu poder pessoal, então, a forma como eu lido com o racismo vem desses aprendizados e dessa decisão. Eu estou viva e desejo viver muito mais. Isso, por si só, já é, infelizmente, uma perspectiva antirracista – já que, de acordo com o Atlas da Violência de 2018, os/as negros/as representam 71,5% das pessoas assassinadas, no Brasil. Sem contar as mortes por negligências à saúde da população negra, como temos observado, de forma escancarada, durante a pandemia. Permanecer viva deveria ser algo simples, mas como Lucille Clifton diz no seu poema “você não vai celebrar comigo?”, “(...) todos os dias / alguma coisa tenta me matar / e falha”. E, também, como não basta viver, uma vida digna (com uma casa com infraestrutura básica, comida na mesa, roupa, segurança, acesso à educação e saúde, e possibilidades de diversão) e feliz se torna uma direção a seguir.

Desconstruir as ideias aprisionantes de que o racismo, determinantemente, nos relega a muitos tipos de sofrimentos é atravessado pela necessidade de construirmos narrativas sobre outras experiências. Narrativas onde existiremos no futuro, como as elaboradas pelo Afrofuturismo, mas também as narrativas propostas pela Miriam Alves, onde somos felizes, temos um trabalho que nos satisfaz, uma boa casa, uma família estruturada e relacionamentos saudáveis. Essas narrativas nos mostram que podemos alcançar os lugares que desejamos, sejam eles quais forem, e são elas, no momento, que tem me interessado como perspectivas de escrita.

FV: O Brasil é um país profundamente traumatizado, marcado por duas dores sociais profundas: a escravidão e a condição colonial. Como você entende a função da palavra, da poesia, na elaboração da dor pessoal e social?

LP: A linguagem tem esse poder organizativo, dá nome ao que acontece – interna ou externamente, e, eu acredito, esse é o início do processo de elaboração, individual e coletivo. Não conseguimos transformar aquilo que calamos, talvez, por isso, nos governos antidemocráticos o que se ataca primeiro é o que se pode ou não dizer, e a censura e outros modos de silenciamento sejam tão comuns. Assim, quando pensamos também sobre o racismo, que é um sistema de dominação e exploração de um grupo sobre o outro, levando em consideração a raça como um atributo para determinar um e outro como inferior e superior, e o colonialismo

nasce daí, penso que só será possível alterá-lo, quando reconhecermos – como sociedade brasileira – que somos racistas e, a partir disso, discutirmos seriamente o assunto, incluindo na discussão, medidas de reparação histórica que ofereçam às/aos negras/os a possibilidade de reconstruir suas vidas. Nesse caso, a literatura pode ser um dos meios para essa discussão, quando pensamos nesse aspecto coletivo, que vem de uma necessidade de expressão individual.

FV: De que modo a sua formação e a sua experiência como psicóloga dialoga com o trabalho de escrita?

LP: Essas minhas duas atuações, assim como a editoração, a tradução e a curadoria, fazem parte de quem eu sou. Eu só consigo exercer essas funções e da maneira como eu faço em cada uma delas porque eu sou quem eu sou: alguém que tem uma relação muito especial com a linguagem. São todas funções em que a linguagem ocupa um papel principal, então, eu vejo todas elas interligadas porque nascem da mesma raiz. Uma amiga minha, poeta e astróloga, Júlia de Carvalho Hansen, me disse certa vez que eu sou uma “intermediadora de mundos” e eu gosto de pensar dessa maneira.

Como poeta, tudo serve de material para minha produção, é como ter uma antena captando os sinais e transformando em outra coisa... Assim, o que eu vivo no consultório, o que eu penso, me estimula a criar, do mesmo jeito que uma música que eu ouço, um filme que eu assisto ou qualquer outra experiência que eu tenho na vida.

FV: Desde nosso período colonial, os corpos negros – o corpo da mulher negra – em nossa sociedade têm sofrido tentativas históricas de apagamento de suas memórias ancestrais. Você considera que seu projeto de escrita poética aproxima corpo e linguagem? Em caso positivo, como isso é pensado ou construído?

LP: Essa é uma pergunta bastante interessante. Sim, minha produção poética aproxima corpo e linguagem, mas isso não aconteceu como um projeto. Embora eu tenha me proposto a escrever sobre as minhas experiências acerca da minha negritude, só percebi essa relação na minha produção, de maneira mais consistente, quando tive que organizar os poemas para publicar *um corpo negro* e, posteriormente, quando li as críticas sobre ele e pude pensar a respeito. A negritude está marcada no meu corpo, então, todas as experiências relacionadas a isso, me

atravessam corporalmente, por isso, acredito que não tenha como falar de raça sem falar sobre corpo. Acho importante mencionar que, mesmo antes do *um corpo negro* e do meu entendimento sobre ser uma mulher negra, o corpo já era um tema, para mim. Talvez, porque eu o compreenda como um limite entre mim e o outro, uma mediação para a minha relação com o mundo.

FV: A condição imigrante, o corpo como território de memória, a palavra como resgate da ancestralidade são temas muito marcantes na sua poesia. Sua língua é sua pátria, você possui mátria ou em todo lugar você é estrangeira?

LP: Infelizmente, a/o negra/o foi construída/o como o Outro, como um estranho, um estrangeiro, e essa exclusão também foi marcada pela linguagem. As pessoas escravizadas eram colocadas em grupos nos quais não podiam se comunicar, onde não havia quem falava seu idioma – penso que, com certeza, a linguagem marca o pertencimento e, também, o não-pertencimento. Eu tenho pensado muito sobre essa questão, atualmente, porque a língua que eu falo não é minha. Eu não pertenço ao idioma que eu falo. E depois de aprender inglês e espanhol e estar aprendendo francês, é que eu percebi que poderia escolher um idioma africano como meu e aprendê-lo. Quando nossas histórias são sistematicamente destruídas, quando não temos mais como acessar as informações sobre de onde viemos, quem são nossos ancestrais, precisamos criar essa história, daqui para o futuro, e esse processo de integrar em si aspectos culturais africanos pode nos ajudar a criar esse sentimento de pertencimento. Então, existem lugares onde eu me sinto pertencendo, e o terreiro de Candomblé é um deles.

FV: Você considera o campo literário, no Brasil, um espaço elitista?

LP: Considero. A literatura é uma tarefa intelectual e ser intelectual é visto como uma possibilidade própria da elite. Mas, além de ser elitista (ou, talvez, por isso mesmo), é racista e machista. Quando analisamos o cânone literário, percebemos que a presença de homens brancos de classe média/alta é totalmente desproporcional à porcentagem de brancos e negros, homens e mulheres, de ricos e pobres, no Brasil. Por que a maioria da população não consegue estar nesse espaço? Porque existem forças que querem manter esse status. Felizmente, a partir dos

questionamentos feitos sobre a construção e manutenção do cânone como espaço de exclusão, ele tem sido alterado, muito lentamente.

FV: Meu primeiro acesso a seus textos foi através de seu *blog*. Em outras entrevistas, você já comentou sobre ter tido uma experiência ruim com o mercado editorial brasileiro, fato que teria motivado a criação coletiva da editora *nosotros, editorial*. Poderia comentar brevemente sobre essas experiências e sobre a importância da editora para o cenário da literatura atual?

LP: Sim, como o mercado literário é racista e machista, ele se atualiza de forma perversa, frequentemente. Então, por mais que se publique mais negros e mulheres, isso não é suficiente para combater o racismo e o machismo. Precisamos que os livros de outros corpos sejam divulgados, resenhados, analisados academicamente, estejam nas vitrines. Com *Coração na boca e triz*, meus dois primeiros livros, não fazia o menor sentido, para mim, publicar meus poemas para os exemplares ficarem guardados dentro de caixas, no fundo das editoras. Lugar de livros é no mundo. E eu penso que quem publica quer ser lido, então, eu empreguei muita energia pessoal para vendê-los. Até eu perceber que eu poderia fazer isso por mim mesma, não por/para editoras. Foi assim que nasceu a *nosotros, editorial*. Eu estudava espanhol há anos, já tinha começado a traduzir, principalmente, poetAs (entre elas, Jimena Arnolfi, Ingrid Bringas, Karen Luy de Aliaga) e compartilhava a paixão por Literatura e dramaturgia latino-americanas com outros amigos (inicialmente, Carla Kinzo, Stefanni Marion e Julia Mendes; hoje, com Carla Kinzo e Priscilla Campos) com quem me reuni para colocar esse plano em prática. Acredito que sejamos a única editora brasileira com esses recortes territorial e temporal. Publicamos poesia e dramaturgia de autoras/es latino-americanas/os vivas/os, em edições bilíngues, e alguns projetos especiais que também acendem a chama da vida no nosso peito, como *Golpe: antologia-manifesto*, nossa primeira publicação, *um corpo negro* e *Medo medo medo*, da Maria Clara Escobar. Gosto muito do projeto da *nosotros*, principalmente, porque os brasileiros tendem a se comportar como se o país fosse uma ilha, sem influências do continente onde está inserido.

FV: Você participa do processo de edição de seus livros? Poderia comentar brevemente sobre esse processo da criação de arte, em especial a de *um corpo negro*?

LP: Eu sou chatíssima quando o assunto é a edição dos meus livros. Faço questão de participar de todas as etapas e poder viver isso em todas as minhas publicações, sei que é uma exceção. Acredito que o livro vai além do texto que contém, é um objeto e precisa ser pensado para que o texto dialogue com o projeto gráfico. No caso de *um corpo negro*, eu queria que fosse um livro pequeno, que não ocupasse muito espaço, e leve porque o tema em si é uma porrada. A capa traz um punho fechado, símbolo da luta antirracista. E um punho fechado pode ser defesa ou ataque. Foi um projeto gráfico que me deixou muito satisfeita. Meus três livros foram projetados pelo meu amigo Bruno Palma e Silva, assim como as plaquetes “de lá / daqui” e “permanece,” (na publicação da *nosotros*,).

FV: Você teve oportunidade em dar sequência a seus estudos na graduação e na pós-graduação. Ao longo de todo esse percurso escolar, mas principalmente acadêmico, você considera nosso processo educacional embranquecido? Poderia comentar e dar algum exemplo de que se recorde?

LP: Particularmente, eu não gosto da ideia de me considerar ou de ser considerada uma exceção, em nenhuma área da minha vida. Não acredito que tive a oportunidade de estudar, acredito que usei e uso o meu direito à educação, previsto na constituição federal.

Considero o processo educacional brasileiro embranquecido, sim, porque vivemos numa sociedade estruturalmente racista. Diversas pesquisas mostram que a presença de negras/os no ensino público diminui conforme o nível aumenta. Temos muitas/os negras/os em escolas públicas, durante o Ensino Fundamental e Médio, e essa porcentagem diminui para Graduação, Mestrado, Doutorado e Pós-doutorado, e esse é um retrato da desigualdade social – vai além de mim e de qualquer exemplo que eu possa mencionar.

FV: Seu livro, *um corpo negro*, foi contemplado pelo Programa de Ação Cultural de São Paulo (PROAC) com bolsa de criação e edição de poesia, inclusive com possibilidade de publicação em outros países. Como você avalia a importância de leis de incentivo à cultura no país?

LP: Em 2017, inscrevi o *um corpo negro* – que na época consistia num projeto de livro, com uns 5 poemas finalizados, no edital de criação e publicação de poesia, do PROAC. Pelo tema que o meu projeto discutia e por conhecer a veia conservadora do Governo do Estado, foi uma grande surpresa, para mim, ser contemplada com essa bolsa. Dentre as lições

mais valiosas que *um corpo negro* me trouxe, talvez, a maior delas seja o entendimento da poesia como um ofício e, sendo um ofício, podendo ser remunerado. Foi uma lição à la Virginia Woolf, em *Um teto todo seu*. A importância de leis de incentivo à cultura, pra mim, é essa: possibilitar que possamos trabalhar integralmente com cultura, que é um patrimônio imaterial, sem nos preocuparmos em conciliar com outros trabalhos remunerados, sabendo que o teto sobre a nossa cabeça, a comida no prato e a roupa estão garantidos. As perspectivas de publicar *um corpo negro* em outros países é algo independente do PROAC. Surgiram a partir da circulação, dele e minha, pelo mundo. As/os editoras/es e/ou tradutoras/es conheceram o material e se interessaram em traduzir e publicar.

FV: Assistimos, no Brasil, especialmente nesses últimos anos, a um crescimento expressivo das discussões feministas em diferentes espaços enunciativos e do protagonismo de escritoras, teóricas e militantes, com uma ampliação da circulação de discursos sobre identidades de gênero e de traduções de livros importantes nesse contexto. Contraditoriamente, assistimos a uma escalada da violência reacionária de aspectos fascistas no país. Como você compreende essa relação e qual a sua leitura sobre nosso momento atual?

LP: A principal reivindicação do movimento feminista é a igualdade, e essa reivindicação é atravessada por outras categorias: raça, identidade de gênero, orientação sexual, classe econômica, territórios etc. por isso, não é apenas a igualdade entre gêneros que interessa, mas também, a igualdade entre as mulheres. O feminismo tem provocado mudanças na estrutura do país e eu acredito que, sim, a escalada fascista é uma contrarreação, não só no Brasil, mas em outros países, obviamente, porque muitas pessoas não querem se retirar de seus lugares de poder. Compartilhar privilégios não é algo que faz sentido para todas/os, infelizmente.

FV: Gostaria de recomendar algumas leituras imprescindíveis e urgentes para tempos pandêmicos?

LP: O livro mais interessante que li até agora, três meses de distanciamento social, que não estava relacionado a nenhum trabalho, foi *Céu noturno crivado de balas*, do Ocean Vuong. O Ocean é um vietnamita que imigrou para os Estados Unidos quando tinha dois anos de idade. Seus poemas falam sobre imigração, homossexualidade, exclusão, sobre a relação com seu pai (por quem foi abandonado). É um livro que comoveu muito.

FV: Agradeço muito pela disponibilidade da entrevista.

LP: Eu gostaria muito de agradecer pela disponibilidade desse espaço em ouvir o que eu tenho a dizer.

Referências

ANGELOU, Maya. *Poesia completa*. Trad. Lubi Prates. Bauru: Astral Cultural, 2020.

PRATES, Lubi. *Coração na boca*. São Paulo: Patuá, 2012.

PRATES, Lubi. *Tris*. São Paulo: Patuá, 2016

PRATES, Lubi. *Um corpo negro*. 2 ed. São Paulo: nosotros, 2019.

PRATES, Lubi (Org.). *Nossos poemas conjuram e gritam*. São Paulo: Quelônio, 2019.

VUONG, Ocean. *Céu noturno crivado de balas*. Belo Horizonte: Editora Ayiné, 2019.